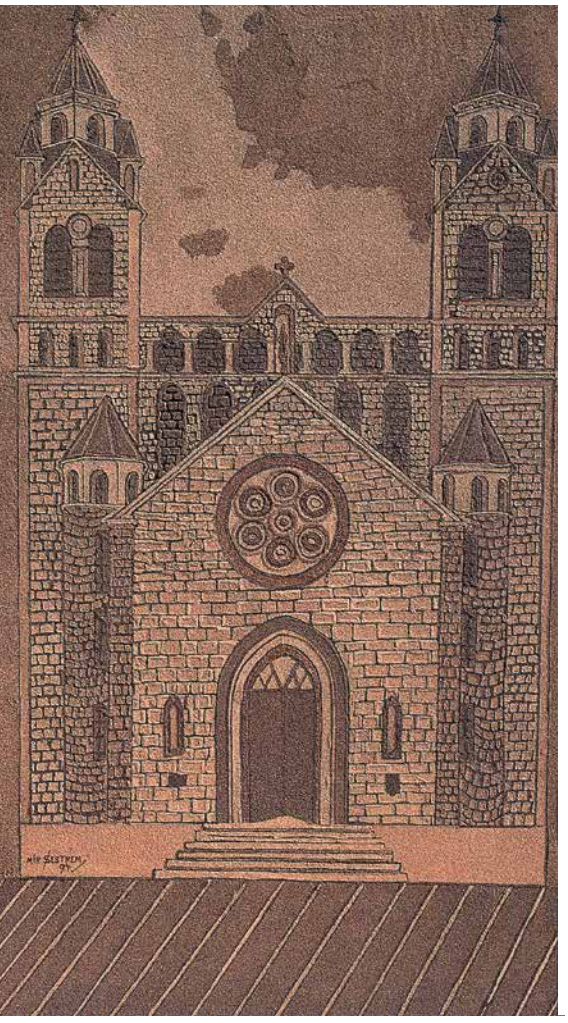
A ARTE DO CUPIM

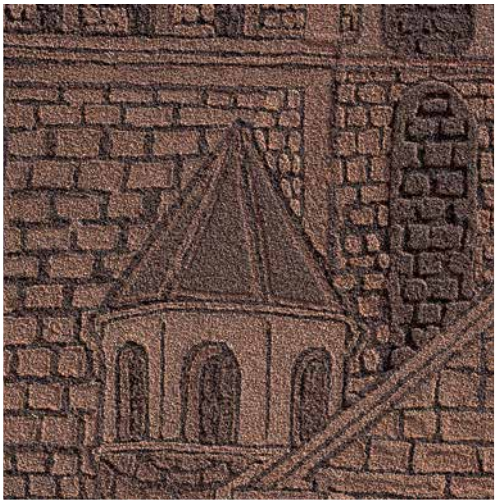
Luiz Roberto Fontes
Zoólogo especializado em cupim

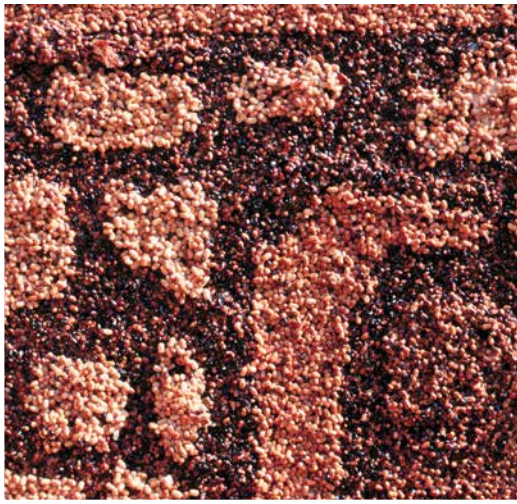
Na primeira metade da década de 1990 eu era empresário do ramo de controle de pragas urbanas. Aprendi muito nessa atividade, tanto para a vida prática do controle como para os estudos científicos sobre as pragas. Também aprendi, e isto foi muito importante, a não subestimar as pragas em sua capacidade de nos surpreender com feitos inusitados e dos quais jamais suspeitamos, bem como a admirar a perfeição de suas construções, o feitio artístico de alguns estragos por elas provocados e a beleza corpórea desses animais tão desprezados pela humanidade. É, para nós que atuamos no campo do controle, assim como para o cientista devotado ao seu estudo, as pragas mostram facetas de sua "arte", a nos inspirar reflexões sobre a complexidade da vida e do mundo que habitamos.

Enquanto profissional dessa área, uma das metas que eu almejava atingir era tentar reproduzir uma obra artística que eu conhecera uns 10 anos antes, em uma exposição de artista cujo nome não recordo. Eu queria elaborar uma nova concepção de uma tela ou painel com um ramalhete de flores, em que o autor figurara as flores com fragmentos de lagostins incrustados na pintura. Essa obra tão original permaneceu na minha memória e eu tinha a intenção de fazer algo similar, em que as flores fossem representadas com pedaços de baratas ou escorpiões... Com isso, queria mostrar que também as pragas podem virar "arte", mesmo que de gosto algo duvidoso para o leigo!

Acima - Conjunto de pelotas fecais do cupim de madeira seca, *Cryptotermes brevis*, em grande aumento.







Catedral de Lages/SC. Obra completa e detalhes. Uma obra com altura e 190 cm e largura de 110 cm. Notar que os detalhes da construção, além de cores diferenciadas, apresentam volumes diferentes. A quantidade de resíduo fecal de cupim de madeira seca, utilizada em uma obra com estas características, ultrapassa 1,5 kg.

O tempo passou e, nos rumos da minha vida, essa ideia jamais se concretizou. Sempre me voltei para as questões da ciência, agora as aplicando no controle das pragas urbanas, e jamais tive qualquer dote artístico que me permitisse aventuras nesse campo tão diverso dos meus afazeres habituais. Porém, sempre tive comigo que ciência e arte são atividades muito próximas entre si, pois ambas exigem imensa dedicação, muito estudo, treino contínuo e, acima de tudo, permanente paixão. Sem os sonhos apaixonados, a atividade torna-se enfadonha, um fazer por mero carreirismo, ou seja, vive-se dela, e não para ela. De certa maneira, encontro apoio nas reflexões de alguns cientistas mais experientes:

... há outras espécies de conhecimento, além do conhecimento propriamente científico. Conhecemos a região de que nós gostamos, não somente estudando a sua geologia e meteorologia, a sua botânica e zoologia, mas também apreciando a sua beleza. ... Seria arrogância ... afirmar que os filósofos e que os sages não lograram ganhar conhecimento algum pela meditação do possível significado do Mundo e do lugar que no universo ocupa o homem. John Arthur Thomson (1861-1933), 1941. *Introdução à ciência.* São Paulo: Livraria Acadêmica & Saraiva, 239 pp. [p. 31-32].

Ciência e arte convergem em igual percentual de procedimentos técnicos e experimentações muitas vezes insípidas, os quais, com as ferramentas a nós oferta-

das em abundância pela mãe natureza, finalmente desaguam no manancial criativo. Na ciência, que é a arte de traduzir o conhecimento, como na arte, que é a ciência de traduzir o belo, esse instrumental está acessível a todos, mas são poucos os realmente dotados de capacidade criativa. Os verdadeiros cientistas, ao refletirem na essência do conhecimento, encontram a Arte. Os verdadeiros artistas, ao refletirem no âmago da inspiração, nos porquês da sua criação, lá encontram a Ciência.

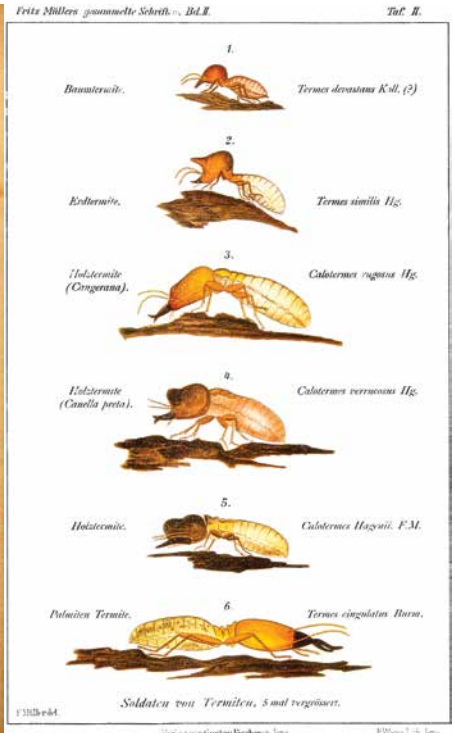
Madeira que cupim rói

Em 1995 conheci, nos arredores de Búzios/RJ, um artista da madeira, de nome Cupim. Embora não se devotasse às questões relativas ao inseto, foi assim apelidado por trabalhar com maestria a madeira, esculpindo e compondo mobília e outros elementos utilitários ou decorativos. O livro *Cupins – O desafio do conhecimento*, por mim editado em 1998, apresenta esse interessante personagem, nas páginas 509 e 510. Passaram-se os anos e acabei conhecendo outros raros artistas do cupim. Desejo aqui apresentar um deles, que realiza um trabalho interessantíssimo, utilizando em suas obras nada menos do que as pelotas fecais do cupim de madeira seca, *Cryptotermes brevis*, uma espécie daninha e muito comum, mas que não é nativa do nosso país.

Nosso primeiro contato ocorreu em 1999, por telefone e seguido de troca de mensagens eletrônicas, até nos conhecermos pessoalmente no ano

Detalhe de porta decorada.

Cabeceira de cama, esplendidamente decorada com resíduo fecal do cupim de madeira seca.



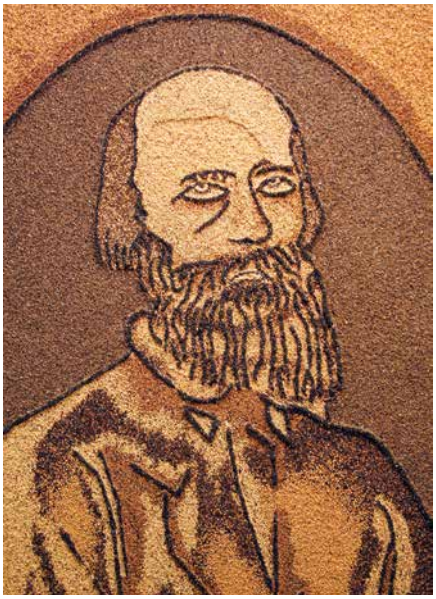
Fritz Müller, cujo nome completo é Johann Friedrich Theodor Müller, primeiro cupinólogo do Brasil. Fotografia tomada por L. R. Fontes no Arquivo Histórico de Blumenau em 08/04/2010, de um cartão de 1886. Na foto, em Blumenau, ele traja o "uniforme" de naturalista com o qual costumava caminhar nas matas e campos, para estudo de animais e plantas: descalço, de chapéu e com embornal e bastão (o facão não aparece na foto). Era então naturalista viajante do Museu Nacional do Rio de Janeiro, cargo que ocupou de 1876 a 1891. Foi denominado o *príncipe dos observadores da natureza*, por Charles Darwin.

Fritz Müller também foi um artista do cupim. Ele preparou esta bela prancha para uma palestra que proferiu em 08/10/1871, aos colonos de Blumenau.

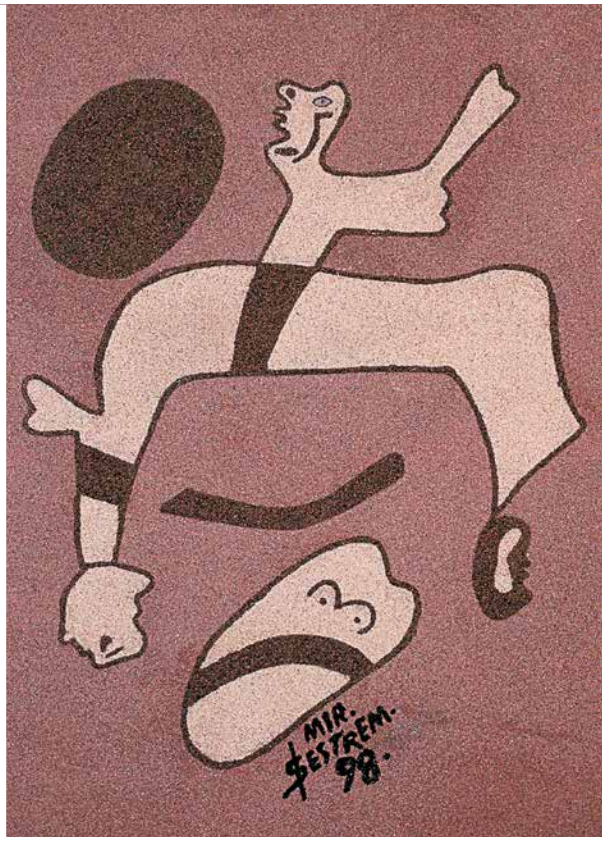
Os cupins podem ser taxonomicamente identificados: 1 *Nasutitermes*; 2 *Procornitermes lespesii*; 3 *Rugitermes rugosus*; 4 *Glyptotermes verrucosus*; 5 *Eucryptotermes wheeleri*; 5 *Neocapritermes opacus*. Os de número 3, 4 e 5 são cupins de madeira seca, próprios da fauna nativa e não são pragas. Se o "príncipe dos observadores" não ilustrou o cupim de madeira seca importado, *Cryptotermes brevis*, é porque lá esse cupim não existia, naquela época.

2000. Mir Sestrem, nascido Claudemir João Sestrem, é um artista plástico catarinense. Ele descobriu o cupim aos 13 anos de idade e apaixonou-se pelo seu resíduo fecal granuloso, ora clarinho, ora mais escuro até preto, em mistura variegada, enfim, um material rico em cores e que ele logo passou a utilizar em obras artísticas, ao natural, polvilhando sobre superfícies com resina colante e assim obtendo belas e muito duráveis composições. Aprimorou a técnica e preparou uma coleção de obras sobre as catedrais catarinenses (a maioria com dimensões de 190 x 110 cm), que resultou em várias exposições. Uma única obra de grande tamanho pode consumir mais de 1,5 kg de pelotas fecais! Sua produção artística é variada e inclui outras catedrais, edifícios históricos, paisagens, flores e até confecções abstratas. Também reveste portas e móveis com o material termítico. Em 2009, atendeu a minha sugestão e apresentou um conjunto de obras sobre o naturalista Fritz Müller (1822-1897), alemão naturalizado brasileiro, nosso primeiro cupinólogo e também pioneiro na comprovação factual da teoria evolutiva de Charles Darwin, em um livro com fatos da biologia dos crustáceos estudados na capital Desterro (atual cidade de Florianópolis) e publicado em 1864 na Alemanha, com o título *Für Darwin*. As obras müllerianas foram expostas na Universidade Federal de Santa Catarina, compondo parte do conjunto de homenagens ao cientista, que incluíram a concessão do título de *Doutor honoris causa*, e foram adquiridas pelos professores da Biologia.

Para realizar o seu trabalho, Mir Sestrem necessita coletar resíduo fecal em abundância, separar por cores ou tonalidades (são mais de 50 diferentes cores ou tons) e armazenar todo esse material de maneira organizada e acessível, para aplicar em sua obra de arte. Seu encantamento com os cupins perdura até os tempos atuais. Ele denominou a sua técnica termítico-artística com o curioso nome de *aglutinado celular de madeira estratificada.*



Fritz Müller. Esta obra termítica baseia-se em fotografia real, de 1866, quando era professor no Liceu Provincial em Desterro (atual Florianópolis), e uma cópia foi encaminhada por Fritz Müller a Charles Darwin, atendendo a requisição deste.



Cupim e arte

Um artista do cupim é um verdadeiro termitólogo ou cupinólogo, pois estuda a matéria bruta obtida do cupim, experimenta de diversas maneiras, confere os resultados e, finalmente, com essa matéria confecciona a sua obra de arte. Trata-se de um processo dinâmico, que evolui no tempo, segundo a experiência acumulada em cada ensaio, e caminha rumo à perfeição idealizada pelo artista. Como o cupim-inseto, o artista-cupim transforma a matéria da natureza e obtém algo novo, assim provando que realmente nada se perde, apenas se transforma e pode ser realmente belo. Não seria então o cupim, esse promotor de notáveis transformações, um dos nossos melhores colaboradores?

Muitos veem no cupim apenas a praga terrível, o agente de degradação ou destruição das obras humanas. Melhor será nele enxergarmos o desafio instigante da imaginação, tão necessária ao exercício do controle. O cupim é a nossa motivação de vida e pesquisa, enfim, nosso parceiro no conhecimento do mundo.

Luiz Roberto Fontes

Biólogo pelo Instituto de Biociências da USP (1978), com título de Mestre e Doutor pelo mesmo Instituto. Médico pela Faculdade de Medicina da USP (1988), com especializações em Ginecologia e Obstetrícia e em Medicina Legal. Cursou a EPCAR / Escola Preparatória de Cadetes do Ar (72/071 Fontes). Atualmente é médico legista do Instituto Médico-Legal de São Paulo, Equipe de Antropologia Forense. Desenvolve atividade científica e pericial em entomologia, principalmente no diagnóstico de infestação e controle de cupins em áreas urbanas e rurais, com particular interesse em áreas e acervos de valor histórico, artístico, cultural, arquitetônico e arqueológico. Atua nos cupins desde 1978.

Acima a direita - Obra abstrata

Acima a esquerda - Florianópolis/SC, 14/01/2000. Da esquerda para a direita: Sidney Milano, Sra. Eli, Mir Sestrem e Luiz Roberto Fontes.

Pagina seguinte abaixo - Mir Sestrem em atividade de coleta de resíduos fecais do cupim de madeira seca. Depois ele irá separar todo o material por cores ou tonalidades. Ele também mantém uma criação do cupim em seu ateliê, alimentando-o com algumas madeiras especiais, para tentar obter alguns tons ou cores mais raros.

Acima - Toro roliço de pequeno diâmetro (cerca de 10 cm), aplicado como caibro em telhado de edificação rural do início do século XX, em Registro/SP. Havia infestação por cupim de madeira seca (*Cryptotermes brevis*), severa em elementos do telhado, paredes e pisos. Também havia infestação por um cupim arborícola nativo (*Nasutitermes ehrhardti*), menos agressivo e construtor de ninho nas árvores e em outros suportes.

Notar que o *Nasutitermes* infestou uma peça bastante danificada pelo cupim de madeira seca e, ao revestir externamente a superfície inferior do toro roliço com uma película fina de massa cartonada, utilizou como material construtivo as pelotas fecais do cupim de madeira seca, que foram inseridas na massa cartonada de natureza fecal, enquanto esta ainda estava úmida. Uma praga, sim, mas também um belo exemplo de trabalho artístico! Será que o Mir inspirou-se num *Nasutitermes*, para idealizar a sua obra artística, ou foi o inverso que ocorreu?!